

Sigatoka-Negra



*Uma ameaça para a
bananicultura*

A Doença

Existem atualmente duas formas de sigatoka que causam lesões nas folhas das bananeiras: a sigatoka-amarela e a sigatoka-negra. Em 1998, a sigatoka-negra foi constatada na região de fronteira do Estado do Amazonas com a Colômbia e o Peru, nos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant e Coari, sendo rapidamente, disseminada por todo o estado do Amazonas e para os estados do Pará, Rondônia, Acre, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso e Roraima. A recente notificação da doença no estado de São Paulo evidencia a possibilidade da doença atingir os centros produtores de banana das regiões Sudeste, Nordeste e Sul, tornando-se uma séria ameaça à bananicultura.

A entrada da sigatoka-negra no Espírito Santo tem como efeito imediato o aumento significativo no custo de produção, uma vez que o seu controle é até sete vezes mais dispendioso que o da sigatoka-amarela. A doença reduz a produtividade das bananeiras, podendo chegar a até 100%, além de provocar a maturação precoce da fruta, afetando a sua qualidade. Considerando-se que mais de 90% da produção de bananas no Espírito Santo é originada de pequenas propriedades, a maioria de base familiar, e que o plantio é feito em áreas acidentadas, que inviabilizam o controle químico tradicional, a sigatoka-negra adquire grande importância social e econômica para as regiões produtoras.

Sintomas

Os primeiros sintomas observam-se na face inferior das folhas mais novas, como estrias de cor marrom (sem o halo amarelo comum na sigatoka-amarela), que evoluem para estrias negras (Figura 1). As estrias apresentam uma alta densidade por área de folha, que coalescem e em poucas semanas causam a queima das folhas que acabam secando precocemente, reduzindo a capacidade produtiva das plantas.

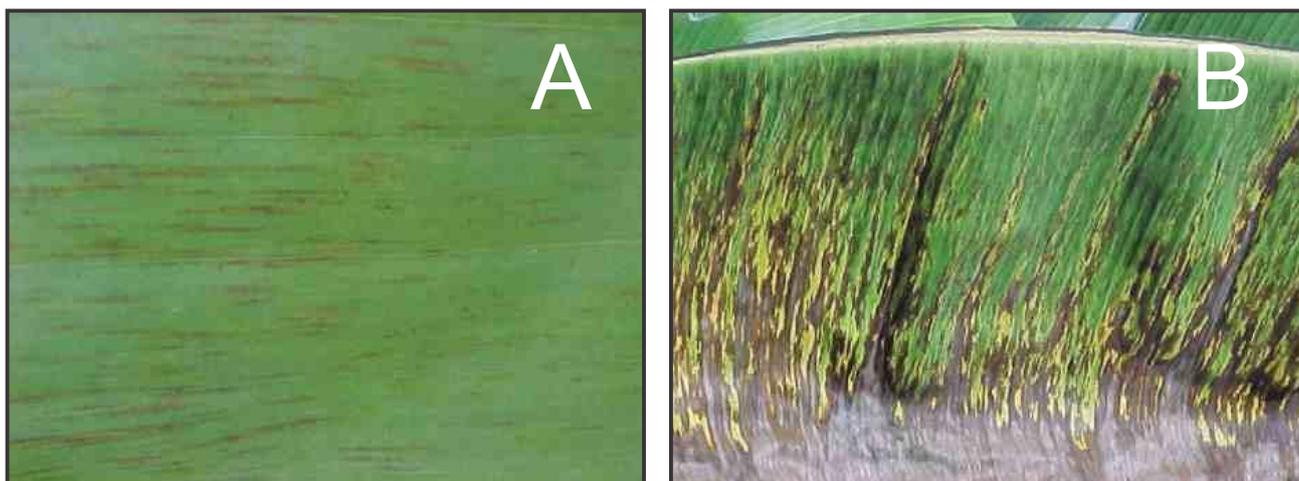


Figura 1- Estrias escuras de sigatoka-negra (A) e seca do limbo (B).

Etiologia

A doença é causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis* Morelet, que no estágio anamórfico é *Paracercospora fijiensis* (Morelet) Deighton, cujas estruturas reprodutivas (conídios e ascósporos) infectam as folhas da bananeira.

A maior diferença entre os dois fungos refere-se à conidiogenese e à morfologia dos conidióforos e conídios. Em *P. fijiensis*, normalmente, os conidióforos são formados isoladamente ou em pequenos grupos (Figura 2A e B), principalmente na face inferior das folhas, enquanto na Sigatoka Amarela emergem em fascículos (Figura 2C e D), em ambas as faces da folha.

A doença é disseminada através dos esporos (conídios e ascósporos) produzidos nas folhas doentes (com lesões), que são levados pelo vento, chuva e transportados aderidos nos frutos, caixas, mudas ou partes da bananeira oriundas de regiões afetadas.

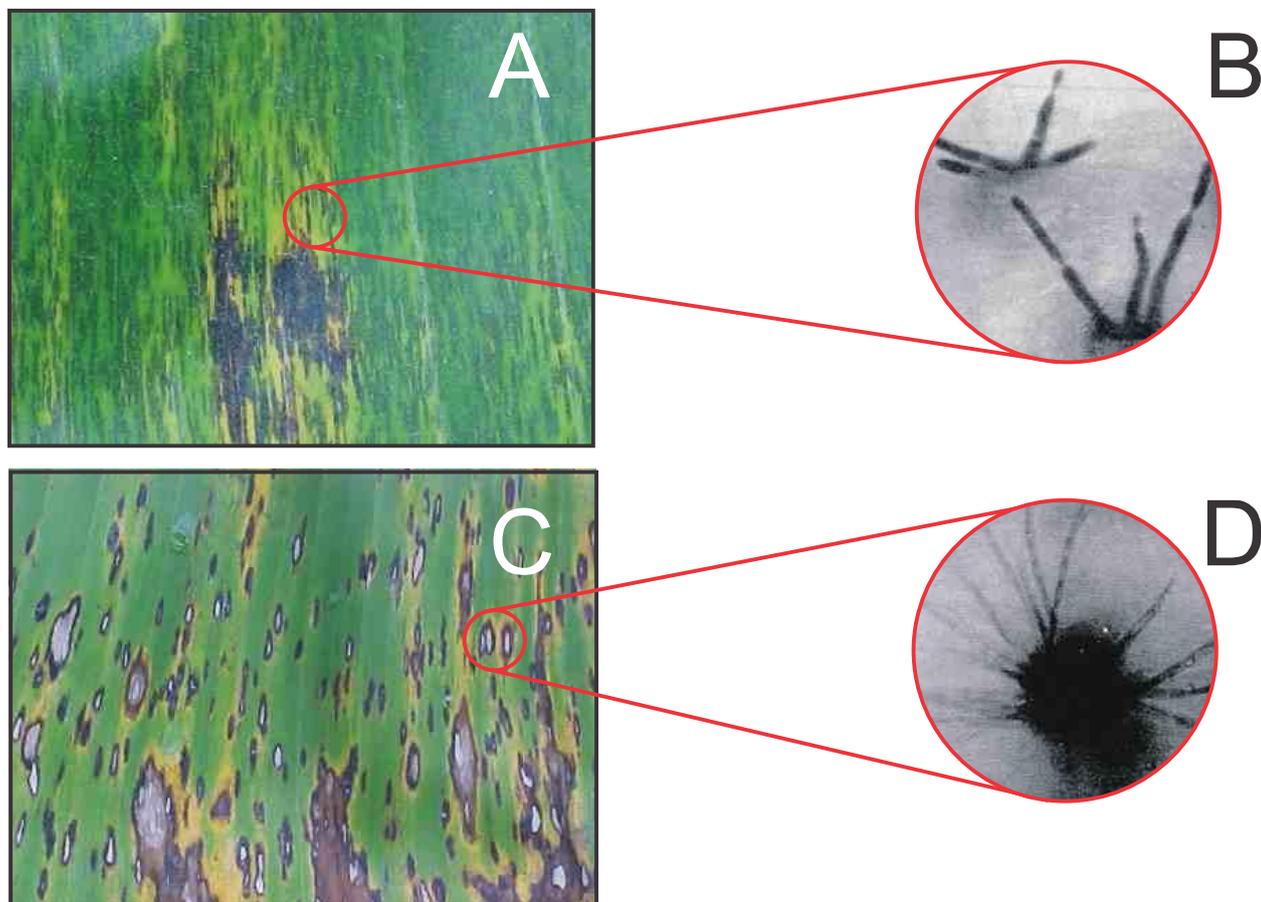


Figura 2 - Sintomas de Sigatoka-Negra (A) e morfologia dos conidióforos (B), quando observado com lupa, em comparação com a Sigatoka-Amarela (C) e seus conidióforos (D).

Cuidados e Manejo da Doença

- Não transportar mudas, frutos, folhas ou qualquer parte da bananeira de regiões afetadas;
- Exigir sempre o Certificado Fitossanitário de Origem;
- Não utilizar folhas de bananeira como material protetor da fruta, caixas e cargas de banana, durante o transporte;
- Não permitir a entrada no bananal de caixas de comercialização de banana sem que sejam desinfestadas;
- Ao comprar mudas deve exigir que sejam certificadas e de viveiristas credenciados no MAPA;
- Realizar práticas culturais adequadas, como a desfolha e o manejo do bananal;
- Fazer o monitoramento do bananal, procurando orientação técnica em caso de suspeita de sintomas da sigatoka-negra.

- O uso de cultivares resistentes é o método de controle mais eficiente e econômico. As cultivares Maçã, Nanicão, Prata, Nanica, Grande Naine, Prata Anã, Pacovan, Terra, Terrinha e D'Angola, são suscetíveis à doença.
- O tratamento químico só deve ser recomendado após o monitoramento das folhas das plantas, avaliando-se a incidência e a severidade da doença. Para isso devem ser usados sistemas de previsão que incluam variáveis biológicas e de clima. São realizadas inspeções semanais, observando-se o aparecimento das lesões e a evolução dos sintomas em plantas adultas, antes da emissão da inflorescência. Os dados coletados devem ser anotados em uma planilha de campo, para se estabelecer a decisão de tratamento químico.
- Em regiões onde não é possível a pulverização, os fungicidas poderão ser aplicados na base da segunda folha mais nova ou pela injeção no pseudo-caule.

Caso tenha dúvidas, procure o escritório do Incaper ou do IDAF no seu município.

Equipe Técnica

José Aires Ventura - D.Sc. em Fitopatologia - Pesquisador do Incaper
Hélcio Costa - D.Sc. em Fitopatologia - Pesquisador do Incaper

Documentos nº 136 (2ª Edição)
ISSN 1519-2059
Editor: DCM-Incaper
Tiragem : 2.000
Vitória-ES / Agosto 2011
www.incaper.es.gov.br
coordenacaoeditorial@incaper.es.gov.br

Patrocínio

Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Realização



SECRETARIA DA AGRICULTURA,
ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA

